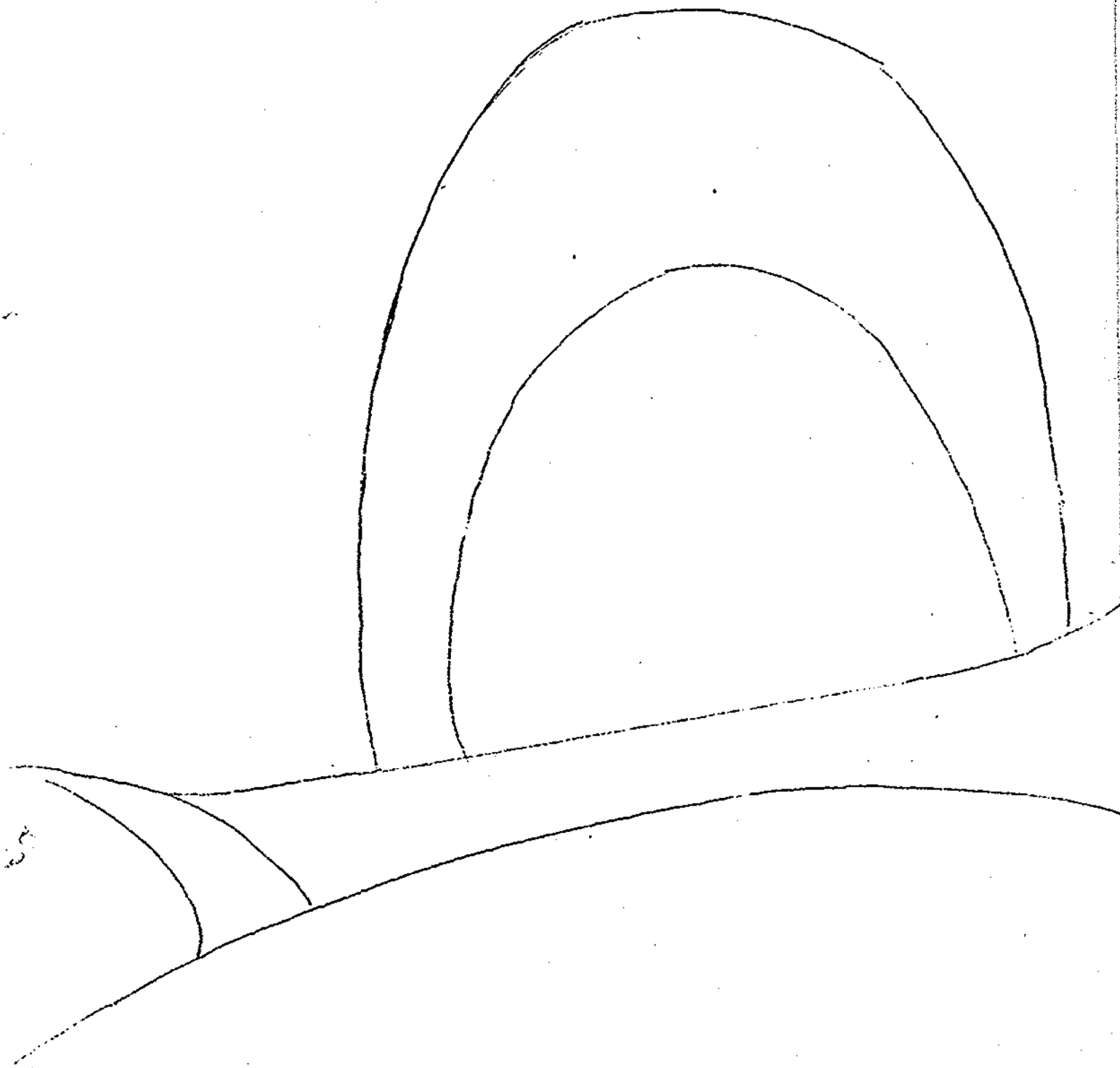
PARQUE E CENTRO



P A R Q U E & C E N T R O

P U B L I C A Ç Ã O
DO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E RECREIO

Responsaveis: Glaucia B. Coppios e Nora Lúcia Moreira

ANO IV 1º Trimestre 1972

I N D I C E

Parque Centro.....1
Mensagem às Mães.....2
Como é a Criança do Jardim da Infância (4 a 6 anos de Idade).....5
Criatividade Versus Q. I.?.....10
Problemas de Comunicação.....17
O Trabalho Comunitário.....20
Significado do Coelho da Páscoa.....23
Aplicação na Recreação dos Recursos Audio-Visuais.....25
Educação Sexual e Liberdade.....27
Chegou a Nossa Vez.....33
Estória - Os 3 Ursos e O Coelho.....34
Fantoches Feitos Com Casca de Amendoim.....44
Agora Você Também Pode Ter Uma Ficha de Identificação.....45
Organograma Educacional da Estória.....46

-o-o-o-o-
o-o-
o

PARQUE E CENTRO

PARQUE E CENTRO, boletim de divulgação pedagógica, criado em 1969, completa agora seu terceiro ano de circulação. Muito se procurou fazer nesses três anos de trabalho, principalmente realizando pesquisas bibliográfias de assuntos ligados à educação e ao trabalho realizado pelos Parques Infantis e Centros da Juventude.

Espera-se que a leitura dêsses artigos selecionados tenha contribuido para auxiliar os Educadores no desenvolvimento de suas atividades específicas, abrindo-lhes novos horizontes, transmitindo-lhes novas técnicas de trabalho, novos conceitos, enfim transmitindo-lhes o resultado dos estudos e experiências de todos aqueles que se dedicam à ciência de educar.

Porém, PARQUE E CENTRO deseja realizar ainda mais, com o objetivo de colaborar mais de perto com os Educadores na aplicação prática da programação dos trabalhos. Desta maneira, PARQUE E CENTRO encontra-se agora enriquecido porque nele acaba de ser inserido o boletim Seravisto que vai intensificar a orientação aos Educadores sôbre variadas técnicas audiovisuais, idéias e sugestões sôbre material pedagógico. Como se vê, em uma publicação única será reunido tudo que fôr julgado de interêsse dos Educadores, esperando se que essa fusão traga ainda maiores benefícios ao serviço.

PARQUE E. CENTRO lembra ainda que necessita de maior colaboração dos Educadores. Enviem pois sua contribuição: trabalhos técnicos, relato de experiências bem sucedidas no campo educacional, noticiários, sugestões. Realmente, a colaboração que vem do Educador que dia a dia está vivendo ao lado de crianças e adolescentes, cuidando para dar-lhes formação adequada com vistas ao aprimoramento de sua personalidade, é de fato muito importante. É justamente essa colaboração, relatando situações vividas que permitirá reunir todos Educadores em uma sinergia de maior participação e de maior intêresse no desempenho dessa sublime missão — educar.

Ruth Amaral Carvalho

MENSAGEM ÀS MÃES

MÃE PRETA

Mãe Preta, cantada pelos poetas, trouxe para a formação da sociedade brasileira, com o seu leite de luar, o laço amorável dos seus braços e a doçura de um coração onde coube tanto amor. E porque mãe preta foi acima de tudo amor, a forma perfeita de compreensão, quem dela se lembra, esquece-lhe o pigmento escuro, a humildade da condição de escrava e portanto de coisa, de objeto de uso, de animal doméstico, esquece-lhe a ignorância, a origem obscura, o ser aplastrada, resignada, sofredora, relegada à última escala da dignidade humana, para simplesmente amá-la. E tudo está dito. Que melhor reconhecimento encontraríamos do que esse?

Para entendermos bem o papel da mãe preta, certamente é necessário que saibamos alguma coisa da estrutura da sociedade colonial e patriarcal do Brasil de há um século e de há dois séculos.

A própria estrutura econômica do regime escravocrata trazia como consequência o ócio e a volúpia dos senhores. O negro subjugado se acomodava aos apetites e à corrupção da raça dominadora. Tão certo é que mais em paz se vive conformando-se com os defeitos do próximo e lisonjeando-lhe os vícios, que mantendo uma linha íntegra de conduta. E que linha íntegra poderiam manter os pobres negros, sujeitos ao tronco e ao bacalhau, às humilhações, à indiferença e à perversidade, ou a essa bondade morna e arrastada que não tem objetivo e se limita a não fazer o mal, que se limita a deixar correr o barco, e que dói mais do que a maldade? Que podiam eles senão conformar-se?

Casava o clima com o ócio, esse clima pegajento, quente, que tira do brasileiro todo o ânimo para um esforço contínuo, e esse ócio vindo de uma riqueza ganha sem trabalho, e o resultado era uma luxúria desenfreada, que fazia derivar para o sexo tôdas as disposições latentes e latejantes do organismo jovem. No escurão da senzala cevaram-se todos os apetites. No negro escravo desrecalcou-se muita sinhá e muito sinhô. O sadismo, o masoquismo e a volúpia campearam livremente nesses casarões coloniais, de fachada tão austera, de rótulas pudicamente cerradas, de mulheres embiocadas e que saíam para a rua sòmente ao irem à missa.

Em consequência dos ócios da senhora, que se abanava calorentamente na sua rêde, as crianças da casa ficavam aos cuidados das amas-de-leite, e de outras escravas de bons sentimentos e mais dedicadas.

E foi assim que do escurão da senzala brotou a flor mais bela que poderia surgir de semelhante esterqueira: a mãe preta, representando o amor materno, no que ele tem de mais belo, de mais puro, de

mais desinteressado, de redentor e de santo: sacrifício sem limites, e a dedicação sem recompensa.

O imensa ternura da mãe-de-criação, que aleitou o menino com seu leite branco apojando nos seios fartos, e deu-lhe junto a imensa ternura condescendente, plácida, limpa, enorme, de que só mãe preta foi capaz.

Aleitou como ao seu, amou como ao seu, ou talvez mais aos filhos de empréstimo. Dedicou-lhe as noites de vigília e os cuidados. Era uma criança vinda da raça inimiga, que a espezinhava e brutalizava, mas que importava? Que culpa teve a criança que aconchegava nos braços, branquinha como o açucar, de boquinha gulosa e olhos empapuçados de sono e fartura? Eram dois desamparos: a negra escrava sem apoio, o nenê tão inerme, tão desservido pela indiferença da mãe que o pusera no mundo! Crescendo o menino, não se afastava dela a negra babá. Era ela quem o lavava, quem lhe costurava ao pescoço o bentinho com as orações contra o mau-olhado e o quebranto. Era quem o alimentava depois de desmamado, amassando nas mãos, em forma de bolinho, o virado de feijão. Era quem o punha no berço, cantando cantigas de ninar, muito lentas, muito fundas, muito densas, e muito resmungadas, com uma voz meio rouca do fundo do peito, mas muito terna e muito doce:

Drome nenê
que a cuca já í vem
papai foi na roça
mamãe logo vem.

E era quem lhe contava histórias, na mesma voz resmungada, resingona, do fundo do peito, falando de assombração, de boitatá, de negros velhos com seu surrão para carregar as crianças malcriadas. Para o menino brasileiro, a noite se povoou de bichos-papões, de saci-pererê e de tutu-maramba, mulas-sem-cabeça, e de uma entidade terrível, misteriosa que era simplesmente o bicho. Sombras adensando as sombras, mas onde se destacava, luminosa como uma estrêla, bela como um anjo de luz, incansável, como a providência, a feia a espapaçada, a ignorante mãe preta.

Sua voz espancava os terrôres e afugentava os duendes:

druma ioiô!

Êsse amor, esse dar-se, esse enternecer-se, esse abrandar-se, trouxe consequências de todo em todo imprevistas. Abrandou-se a língua, abrandaram-se os costumes, abrandou-se o caráter daqueles férreos homens de antanho, duros e inflexíveis, feitos de pedra, de aço, de impiedade. Do contato do menino da casa-grande com a negra mãe preta da senzala, a intimidade foi-se estabelecendo em bases suaves, e nunca mais que branco sinhô tinha ojerisa do negro, ojerisa do bodum do negro, da beiçola do negro, da cara feia e chata do negro, do cabelo duro, encarapinhado do negro, do andar de macaco do negro, do óleo da pele do negro. Acostumado ao aconchego da negra babá, aos brinquedos com o moleque, com quem ia crescendo junto, o filho do branco se deliciava nos seus primeiros contatos sensuais com a negrinha ou mulatinha da fazenda, durinha e saborosa nos seus treze, ou catorze anos em flor.

Partindo da mãe preta, prêto e branco se confraternizaram. Não ficaram como gente hostil, irreconciliável, nem nos fortuitos contatos sensuais clandestinos.

Às vezes, mãe preta ficava sendo a dona absoluta da casa-grande, não sòmente por indolência da sinhá, mas por sua morte. Era costume na sociedade patriarcal casar-se a môça muito cedo. Meninas de doze e treze anos, que ainda deviam estar brincando com bonecas, ninavam já o primeiro filho. Muitas delas morriam de parto e esse filho era criado pelas amas, pela mãe preta, de leite abundante e saúde rija, coração grande e fortes braços maternais.

Naturalmente essas pretas que vinham da senzala para o serviço da casa, e eram as mucamas, as negrinhas de recado, as babas eram as negras mais finas, mais escolhidas, de sentimentos melhores, de bom caráter e de boa saúde, asseadas e dignas, de boa formação moral e religiosa. E que fôssem bonitonas e agradáveis de se verem. E risonhas, eram tão, risonhas essas escravas de dentro de casa, apegadas aos meninos e à família!

"Quem meus filhos beija, minha bôca adoça", diz o popular adágio. A mãe preta, segundo tradição nunca desmentida, foi tratada com todas as honras, mas sobretudo, amada. Mas sobretudo, tratada como gente, de igual para igual, esquecida a sua condição de egressa da senzala. O menino, o seu "menino", que seria mais tarde doutor, estadista do Império, que estaria entre os grandes, dela se lembraria com benevolência e carinho. Lembrar-se-ia com saudade. A ela aludiram com ternura, depois de adultos, depois de famosos, homens duros como José Bonifácio, homens combativos como Sílvio Romero, homens da estrutura de Joaquim Nabuco. Dela se falou sempre com acentos do mais comovido reconhecimento. Nem uma voz destoante, que dissesse de rompantes das suaves negras, mães de emprestimo, porem, tôdas as vezes foram acordes em celebrar sua doçura, sua conformidade, sua conformação, seu amor imenso. Ai, milagre do amor, forma perfeita de conhecimento, sabedoria que mãe preta encontrou por si, recebendo no aconchego dos braços, o ioiôzinho inocente dos crimes, que contra ela perpetrava a frio a outra raça. Ai, milagre do amor que é o primeiro e o único mandamento das mães, pois a mãe que ama perfeitamente é por si perfeita e encontra, sem nenhum outro guia, o caminho para a frente e para o alto.

Extraído do livro:
As Mães.
Ruth Guimarães.

COMO É A CRIANÇA
DO JARDIM DA INFÂNCIA
(4 A 6 ANOS DE IDADE)

O autor com o subsídio dêstes estudiosos e com base em sua experiência como educador, caracteriza em grandes traços a criança de 4 a 6 anos de idade em seus aspctos físico, intelectual, social, e emocional.

Transcrevemos êste texto como objeto de consulta, focalizando principalmente sua primeira parte que trata das semelhanças entre as crianças de 4 a 6 anos de idade. Chamamos a atenção do leitor para dois aspectos:

A) O autor fala sôbre crianças de Jardim, a partir dos 4 anos de idade. Assim a criança que entra para a escola maternal com 3 anos de idade pode não apresentar estas características que estão ainda latentes.

B) Mesmo as crianças de 4 a 6 anos, que estariam dentro da análise do autor, não precisam ser portadoras de tôdas estas características, nem mesmo de alguma: delas em tôda sua maturidade. O importante é que êste quadro de caracterizações sirva para ajudar pais e educadores a conhecer a criança e saber entender muitas de suas reações e comportamentos. A criança pode apresentar um comportamento que se enquadre nesta caracterização e por outro lado apresentar traços mais próprios à idade de 2 ou 3 anos ou a de 6, 7 anos, sem que isto signifique algo de não habitual a uma criança de 4 ou 5 anos de idade. Em tudo o que significa caracterização de idades, devem ser levadas em conta as DIFERENÇAS E NECESSIDADES INDIVIDUAIS DE CADA CRIANÇA.

COMO É A CRIANÇA DO JARDIM DA INFÂNCIA

AS CRIANÇAS DO JARDIM SÃO PARECIDAS

Em muitas de suas características físicas, intelectuais, sociais e emocionais os pequenos do jardim revelam semelhanças.

ASPECTO FÍSICO

O crescimento físico se dá mais lentamente na idade do jardim do que em qualquer outro período entre a infância e a puberdade.

As pernas arqueadas (joelhos para dentro) e o ventre saliente, da idade de bebê, aos poucos desaparecem. A espinha começa a adquirir a conformação adulta. Defeitos de posição do corpo estão agora se tornando evidentes.

Um principiante do Jardim pode tomar suas refeições com a familia. Necessita, apenas, que se lhe corte a carne, ponha manteiga em seu pão e se lhe dê assistência nos manejos mais difíceis. Os hábitos de higiene já se formaram; na maioria das crianças, embora possam ocorrer alguns acidentes, outros são evitados a tempo. No entanto, às vêzes há regressões ocasionais a comportamento mais infantís. O afastamento da antiga dependência da mãe ou de outros membros da família já deve estar em fase bastante adiantada.

O menino robusto, novo aluno do Jardim, está sempre em atividade; interessa-se em movimentar os grandes músculos, que o ajudam a alcançar mais completo controle sobre os movimentos do seu corpo. Gosta de se equilibrar, correr, trepar, dançar, saltar, dirigir velocípedes ou patim e tomar parte em brinquedos rítmicos. Pode estar bem desenvolvido em uma habilidade motora e fraco em outra. É, relativamente, capaz de aguentar pancadas fortes e seus impulsos de coragem podem causar movimentos de preocupação aos pais e à professora. Seu desenvolvimento muscular pode ser desigual, mas progredirá de modo a permitir que a criança dance e trepe com capacidade crescente. As habilidades no uso dos músculos dos braços, das pernas e do tronco precedem o desenvolvimento da habilidade no uso dos dedos das mãos.

A criança do Jardim é suscetível a doenças infecciosas. No verão e no outono são muito frequentes os distúrbios do aparelho digestivo. As infecções respiratórias predominam na primavera e no inverno. É quase certo que terá cachumba, sarampo e varicela e pode apanhar outras doenças contagiosas se não forem tomadas as devidas precauções. Doenças imaginárias, como dores de estômago, náuseas e vômitos podem aparecer após uma ou duas semanas de aula. O menino é capaz de suportar, corajosamente, uma dor forte, mas queixar-se-á em altos berros por causa de um arranhão ou porque uma farpa o feriu.

Nessa idade a criança facilmente revela cansaço. Quando brincar demais ou brincar com muita energia, ou quando não tiver tirado sua soneca durante muitos dias, pode tornar-se irritada ou irrequieta, ou, expressar desejo de se assentar ou deitar-se. Embora possa, ocasionalmente, descansar por sua conta própria, necessita, com mais frequência, de um repouso planejado e supervisionado.

Tendo recebido treinamento em casa, numa boa escola maternal ou em ambas, a criança dessa idade será capaz de fazer muitas coisas por si mesma. Pode vestir-se, desvestir-se, cuidar de suas necessidades fisiológicas, lavar as mãos e o rosto, lavar-se depois do brinquedo, embora necessite ser estimulada a fazer isso. Pode carregar uma bandeja com pratos, enxugar a louça e buscar um copo de água.

Pode recortar, colar e desenhar. Não há limites para a sua imaginação quando maneja objetos. Quererá levantar um homem três vêzes mais pesado do que ela, e pretenderá realizar difíceis manobras físicas, como dirigir um automóvel, com inteira confiança. Sua falta de força ou desenvolvimento muscular inadequado a essa espécie de empreendimento causa-lhe frequentes frustrações.

ASPECTO INTELECTUAL

A criança do Jardim é curiosa e ávida de conhecer fatos. É interessada em simples respostas e perguntas tais como: "De onde vem a chuva?" ou "Por que as abelhas dão ferroadas?" Já desenvolveu considerável acuidade sensorial. Embora tenha ânsia de enfrentar coisas novas, sua capacidade de resolver novos problemas é diretamente relacionada com as experiências que tenha tido em sua vida diária. Por exemplo, Frederico, que já viu seu pai remover objetos pesados, pode entender e empregar simples princípios físicos da fôrça da alavanca, quando ajuda a professôra a remover objetos grandes na sala de aula. Frederico pode não entender a necessidade de conservar sempre limpa a gaiola dos animais, enquanto Luisa, cujo pai é criador de galinhas, tem interêsse e assume pronta responsabilidade nesse caso.

As crianças do Jardim aprendem, principalmente, fazendo, experimentando e observando. Se Frederico ajuda a Luiza a cuidar da gaiola de animais, em breve será capaz de fazê-lo sozinho. Seu interesse por animais poderá desenvolver-se a ponto de levá-ló a pedir um animal para criar em casa.

Se lhe ensinam, o menino pode dizer seu nome todo, idade, endereço e o nome de seu pai. Pode recortar, colar, desenhar e falar com clareza. Com seu vocabulário de mais de 2.000 palavras, é capaz de usar sentenças ou porções de sentido, contar uma história pequena, do princípio ao fim, e também relatar um acontecimento. Pode aprender a "ler" as gravuras de um livro e até manifestar interêsse em aprender a escrever seu próprio nome, em letra manuscrita. Pode tentar algumas melodias simples no piano, e até floreá-las.

O aluno do Jardim trabalha em rápidas explosões de energia e gosta de se ocupar com o que é intimamente associado ao brinquedo. Gosta de dirigir atividades de grupo, se elas não excedem de quinze ou vinte minutos e se o grupo não é composto de muitas crianças. Êsse aluno aproveita prontamente das experiências bem planejadas e de atividades, organizadas em sequência.

O aluno que inicia o Jardim é muito amadurecido intelectualmente, sob vários aspectos. A memória é ainda a sua maior riqueza intelectual. Pode causar admiração aos adultos com a lembrança das suas experiências passadas, tanto as reais como as imaginárias.

ASPECTO SOCIAL

Essas crianças não procuram, geralmente, a afeição e

a estima de grandes grupos sociais, e algumas delas são mesmo socialmente indiferentes. Interessam-se por si mesmas, por suas famílias e pelos companheiros da mesma idade. Não têm nenhuma idéia de sua herança social. Gostam de brincar juntas, em grupos de não mais de quatro ou cinco meninos. Revelando alguma cooperação, necessária ao brinquedo em conjunto, aprendem a entender os direitos e sentimentos alheios. Podem aprender a mostrar algum autocontrôle ao esperar a sua vêz, e até aceitar idéias dos outros ou promover as suas. A não ser que tenham sido forçadas pelos adultos, as crianças não se preocupam com certos problemas, tais como: situação econômica, côr, raça ou religião, quando vão formar seus grupos sociais.

Um menino de Jardim pode escolher outro colega de quem goste para ser o líder de seu grupo. Ricardo pode escolher Frederico para liderar uma atividade porque êste é o maior menino da classe. Ricardo não se preocupa com o fato de Frederico não ter nenhuma capacidade especial de liderança.

Os laços de amizade entre as crianças são baseados em comportamentos aceitaveis para ambos, em semelhança de interêsses e no tipo ou natureza da atividade da qual participam. A aceitabilidade do comportamento é julgada, pela criança, baseando-se nas suas experiências passadas, padrões da família e nos impulsos internos. O gráu de semelhança de interesses depende do número, variedade e qualidade das experiências passadas e relacionadas com as situações domésticas, a comunidade imediata e a escola maternal se a criança frequentou algum. Quanto à natureza ou tipo de atividade, a seleção é feita de acordo com as experiências satisfatórias ou não que o menino tenha tido com sua família ou com outros companheiros. A formação desses laços de amizade, na época de frequentar o Jardim, resulta em menos brigas entre os colegas, do que se observa entre as crianças menores. A criança revela uma considerável capacidade de aplainar os problemas surgidos entre o aluno do Jardim e seus amigos. Pode reconhecer mesmo que alguns colegas são mais hábeis do que ele e que tem mais autocontrole.

A criança tem consciência de sua aparência fisica e provàvelmente se sentirá infeliz se fôr notadamente diferente. É ávida de receber reconhecimento social, principalmente dos adultos. Fará mandados ou perguntará se "agiu direito", depois de fazer alguma coisa que lhe pediram. Mantem bom equilíbrio social e parece aceitar tudo com naturalidade.

Embora queira fazer tudo corretamente e se entristeça quando se comporta mal, não é sempre capaz de distinguir o certo do errado. É honesta mas tira aquilo que quer, causando embaraços a sua mãe. Pode ter pouco cuidado com seus pertences, mas não quer separar-se deles.

ASPECTO EMOCIONAL

O aluno do Jardim revela bastante estabilidade emocional.

O.M.

Suas relações são, geralmente, agradáveis e despreocupadas. Obedece, também aos outros. É, habitualmente, dócil diante de visitas e em situações novas, no entanto pode, ocasionalmente, retroceder ao exibicionismo ou a outro comportamento característico de crianças mais novas. Aceita castigos de sua mãe, mas logo se esquece deles. Já superou, em grande parte, o ciúme e o egoismo, notados antes. Seus temores terão sido substituídos por outros menos intensos.

Embora não seja caracteristicamente agressivo, pode sapatear, bater com a porta, dizer nomes feios; fazer ameaças verbais, resistir a ordens, ser destrutivo durante o brinquedo e, de quando em quando, manifestar acessos de cólera. Tais acessos aparecem de repente, duram curto tempo e desaparecem, deixando poucos vestigios.

Quando a criança de Jardim é prêsa de tensão, perde um pouco de seu equilíbrio e da estabilidade aparente. Alguns dos dirivativos dessas tensões tomam a forma de inquietação, gagueira, birra, fuga, mutilação, destruição e cacoetes, como: piscadelas de olhos, batidas de cabeça, pigarro, dedo no nariz, sucção do polegar, roer as unhas, batidas de lapis e mordidas de língua. Frequentemente tira desforras nos pertences daqueles a quem julga responsáveis pelos seus sentimentos. No entanto, movimentos de agarrar, dar pontapés, puxar e empurrar são menos frequentes do que antes.

O aluno do Jardim é, com frequência, caracterizado como alguem sério, ocupado, realista, positivo, relativamente estável, amigo, compassivo e prestativo. Mas, debaixo de tudo isso, há uma dependência do apoio do adulto. Êle aprecia e pede supervisão, necessitando, sempre, dela. Faltando-lhe isso, pode lançar mão de recursos como: falar nomes feios, chorar, exibir-se e preocupar-se.

Texto extraído do livro:
"A Vida no Jardim da Infância"
Wills-Stegelman.

CRIATIVIDADE VERSUS Q.I.?

Há grande interêsse, hoje, pela criatividade. Esgotam-se nas livrarias os livros que a estudam de maneira prática e procuram ensinar a desenvolvê-la. Nos meios educacionais, as pesquisas sistemáticas de alguns especialistas chegam a abalar a importância do cociente intelectual, desafiado pelo que talvez se venha a chamar de cociente de criatividade. Nos meios profissionais de todos os tipos procuram-se fórmulas que assegurem maior criatividade, para com isso enfrentar os crescentes problemas que o mundo atual apresenta a cada cidadão, todos os dias.

A palavra é relativamente nova, pelo menos em nosso meio. Porém é velha a sua significação, apresentada sob outros rótulos, como poder criador ou capacidade criadora. Não se trata, felizmente, de nenhum estrangeirismo a mais que estejam querendo introduzir neste País, para salvá-lo com receitas alienígenas. Trata-se, aqui como alhures, de uma realidade cuja importância começa agora a saltar aos olhos seja entre os que selecionam especialistas para certas funções, seja, de um modo geral, entre os que preparam as novas gerações e reconhecem que há dentro do espírito humano muito mais do que pensava a nossa vã pedagogia.

De Pasteur a...

Quando o môço Pasteur, observando cristais de tartarato, encontrou o fio condutor que o levaria (a ele químico) a criar a teoria microbiana das doenças antes atribuídas a vagos miasmas, que fazia ele senão uma demonstração de gênio criador? Quando o pouco mais que menino Perkins, em vez de praguejar ante um inesperado precipitado criou umas tantas experiências que abriram ao mundo a industría dos corantes dirivados da anilina, revelava-se ele um cérebro criador, um exemplo de criatividade; quando Darwin, depois de percorrer o mundo recolhendo exemplares e exemplos de sêres vivos, divisou o panorama da evolução num mundo radicalmente fixista, quem lhe negaria alto grau de criatividade? Diga-se o mesmo do nosso Rocha Lima quando, examinando o conteúdo de intestinos de piolhos, deu com a pista que o levou à descoberta, há 50 anos, do micróbio do mortífero tifo exantemático. E Galileu no templo vendo as oscilações do candelabro tantas vezes vistas por tantos que não perceberam como ele as leis do pêndulo?

Mas não é só na ciência física e natural que há criatividade. O direito de asilo, tão importante no mundo moderno, exemplifica-a noutro ramo. E aquela criança que, referindo-se aos resíduos que a borracha deixa nos papéis cujos escritos apaga, falou em "poeira dos enganos"?- E toda a arquitetura, com a substituição de formas e concepções que tanta admiração nos causa a tôdos? Quando Giotto introduziu a terceira dimensão, nele funcionava ao máximo a criatividade.

E hoje as emprêsas de publicidade estão a dar-nos exemplos cotidianos de criatividade, inventando meios e modos de prender-nos a atenção.

Dona de Casa

A dona de casa, que, com pequenos recursos, que em outras mãos talvez fôssem para o lixo, constrói um recanto diferente de todos os modelos que em torrentes aparecem em livros, revistas, cinemas, teatros etc., também ela manifesta, desse modo, o seu gênio criador que muitas vêzes pode representar o cimento que mantém coeso um lar.

Essa lista de exemplos, meros exemplos citados ao acaso, mostra que a criatividade é uma qualidade do ser humano, uma de suas capacidades essenciais, uma de suas características. Nem sempre terá ocorrido, entretanto, reunir sob a mesma denominação tantas manifestações da atividade criadora. Na verdade, só há dez anos verificaram os pesquisadores que essa criatividade é tão natural ao estudante médio quanto ao gênio. E aí é que está a importância da descoberta. É uma qualidade que práticamente todos têm, em quantidade variável, mas que não podemos garantir que esteja sendo devidamente despertada ou aproveitada nem por nossos sistemas de educação nem por nossos serviços de seleção e recrutamento. Herdamos do passado umas tantas fórmulas para escolher pessoas. Deixamos-nos embalar por umas tantas teorias, que era cômodo não revolver. Com essa atitude, quantos gênios se perderam. Estabelecemos um determinado tamanho para as malhas de nossa rêde de seleção; mas quem não nos diz que deixamos passar muito peixe miúdo que valia mais do que os grandes?

Definir, não

Não vamos definir criatividade. As definições naturalmente caem em quatro categorias, conforme levam em conta a pessoa que cria os processos mentais implicados na criação, o meio e as influências culturais, e finalmente os produtos da própria criatividade. Conforme a posição em que nos colocamos, isto é, conforme cada uma dessas posições que acabamos de citar, teremos definições diferentes.

O que importa, porem, é compreender o sentido da palavra criatividade. E isso é fácil conseguir com os exemplos apresentados, que mostram, de saída todos êles: 1) um elemento de novidade (de novidade, ao menos, para a pessoa que cria), e de novidade na maioria dos casos obtida a partir de conhecimento já existente e submetido a um rearranjo, ou reformulação, como tanto se diz hoje (em política não raro para fugir ao problema); 2) um elemento de inteligência divergente, no sentido de Guilford, isto é, inteligência caracterizada pela tendência a inovar, explorar, especular, corajosamente enfrentar o desconhecido, arriscar-se ao êrro; 3) um elemento de universalidade, no sentido de ser comum a todos os sêres humanos embora em quantidades diferentes.

Teorias não poucas

Muita teoria já apareceu para explicar a criatividade e o ato criador, o que mostra convincentemente a capacidade criadora dos homens. Desde a velha idéia de inspiração divina, que acenderia a chama dos gênios e os levaria a suas grandes conquistas, até as mais modernas especulações no campo da psicologia, especialmente as tentativas de explicação freudiana e as correntes mais novas que a esta se opõem. Tudo isso completado pela contribuição de Thurstone e Guilford que dissecaram a mente em mais de 100 fatôres, a minoria dos quais ligava à memória e a maioria ao pensamento. Esta segunda categoria dividida por sua vez em capacidades cognitivas, produtivas e avaliativas. As cognitivas referem-se ao reconhecimento da informação e nos permitem dar-nos conta dos fatos. As produtivas permitem-nos usar a informação, muitas vêzes para criar nova informação, e as avaliativas que nos habilitam a julgar se nosso conhecimento e nossa produção estão corretos ou adequados.

Detalhando

É nas capacidades produtivas que separamos as categorias convergentes e divergentes, já antes caracterizadas. Na capacidade divergente Guilford inclui doze funções diferentes:

1. Fluência vocabular - capacidade de produzir rápidamente palavras que preencham certos requisitos simbólicos.
2. Fluência ideacional - capacidade de mobilizar muitas idéias em situação relativamente livre de restrições, e onde a qualidade da resposta seja de menor importância.
3. Flexibilidade semântica espontânea- capacidade ou tendência para produzir variedades de idéias, quando livre para isso.
4. Flexibilidade espontânea figurativa- capacidade de perceber rápidas alterações em figuras.
5. Fluência associativa- capacidade de produzir palavras a partir de uma área restrita de sentido (sinônimos,p. ex.).
6. Fluência expressional- capacidade de abandonar uma organização de linhas percebida, para ver outra (por exemplo, reconhecer figuras definidas ocultas nas linhas de uma figura maior).
7. Flexibilidade adaptativa semântica- capacidade de, quando se lida com um material simbólico reestruturar um problema ou uma situação, quando necessário.
8. Originalidade- capacidade de produzir respostas atiladas, incomuns ou remotamente associadas. Ou,como operacionalmente se define, a capacidade de fazer associações específicas, porém múltiplas,a um estímulo.
9. Elaboração- capacidade de fornecer pormenores para preencher ou completar um esbôço ou arcabouço.

Mais três

Inicialmente Guilford limitou a estas as capacidades envolvidas na criatividade, mas depois inclui mais três: duas pertencentes ao pensamento convergente e outra à categoria avaliativa. As duas primeiras são a redefinição simbólica e a redefinição semântica, que significam, respectivamente, a capacidade de reorganizar unidades em têrmos de suas propriedades simbólicas, dando nôvo uso aos elementos, e a capacidade de mudar as funções de um objeto, ou parte dêle, usando-a de outra maneira. A terceira capacidade é a sensibilidade a problemas, que consiste em reconhecer que existe um problema em cada situação.

Digressão

Passamos, quase, de alfa a ômega, e de propósito. De permeio ficam as explicações da criatividade como loucura como gênio intuitivo, como fôrça vital, como fôrça cósmica, tudo muito bonito para ler e admirar, porém sem base alguma de objetividade. E ficam também muitas teorias psicológicas, como associassionismo(as idéias novas nascem das velhas - por processo de tentativas e erros, sendo a pessoa criativa dotada de maior capacidade de ativar as conexões mentais), o "Gestalt" (o pensamento criador é uma reconstrução de padrões ou guestaltes deficientes), o vasto campo da psicanálise a indicar a criatividade como originária de conflitos do incosciente, que quando produz solução ego-sintônica isto é, que reforça uma atividade colimada pelo ego, se torna criadora; e a sugerir, conforme - as escolas, outras explicações sem dúvida bonitas porém pouco demonstráveis ou aceitáveis, ao menos como explicação única. Deve-se todavia dizer que pesquisas recentes mostram que as neuroses e psicoses tendem a abafar, ou afogar, em vez de libertar, a criatividade. Os neopsicanalistas contribuíram especialmente com a idéia de ser a criatividade um produto do préconsciente, em vez do incosciente, do qual se distingue por achar-se aberto a recordar, quando relaxado o ego. O indivíduo criativo seria mais capaz do que os outros a abeberar-se livremente no pre-consciente..

Uma síntese

Se para o freudismo a criatividade é como beber e comer, um meio de reduzir tensões, Schachtel e Rogers acham que além dessa possibilidade, não se pode desprezar a idéia de ser ela uma atividade que busca um fim em si mesma. A pessoa não procura apenas alívio a tensões, mas também a atividade. Seria a criatividade, para Schachtel, essencialmente uma abertura da mente em relação ao mundo. Para Rogers, isto mais a tendência para ativar e exprimir tôdas as capacidades do organismo, na medida em que essa ativação eleva o organismo e o eu.

Continuar nessas referências seria perdermo-nos num mare magnum. Bastará referir que nêsse mare magnum encontramos hoje um timoneiro dos melhores, porque acrescenta ao prazer da paisagem que todos podemos ver, muita coisa das paisagens que ele já viu em outros mares e até em seu mar interiór. É Koéstler, o genial escritor, que em "The Act of Creation" procura realizar uma síntese do que têm pensado do ato criador os melhores cérebros. E chega a sua própria concepção que é a da bisociação, padrão comum a todos os atos criativos, que significa a conexão de níveis de experiência antes ainda não relaacionados. Não cabe aquí desenvolver o pensamento de Koestrer, mas indicar o seu livro, para leitura e meditação, não só pelo que ele vale como documentação mas também pelo que representa como... ato de criação.

Avanços

Pelo que dissemos, é fácil perceber a importância da criatividade. Que temos feito por ela? Pergunta embaraçosa. Conhecidas experiências de Mc Connell em 1934, sôbre comparação do aprendizado por meio de autoridade com o feito mediante descoberta, deixam claro que as capacidades em geral mais abrangidas pelos processos de medir a inteligência são mais úteis no aprendizado por autoridade do que no por descoberta. Quer isto dizer que o Q. I. em geral mede mais o poder de convergência do que o de divergência. Mais o acomodamento do que o inconformismo.

Verificou-se, e muito bem, que as diferentes espécies de crianças aprendem melhor quando lhes damos oportunidades de aprender segundo os meios que favorecem suas motivações e capacidades. Sempre que os mestres mudam seus métodos de ensino, um grupo diferente de alunos passa a dominar e muitos tidos como menos inteligentes revelam-se até criadores. Temos agora boa quantidade de observações e testes para verificar a capacidade criativa - para cada uma das capacidades enumeradas por Guilford há testes apropriados - e sabemos mais. Sabemos, pelo depoimento de Gotkin e Massa, que os estudantes mais criativos não gostam do chamado ensino programado; pois não lhes agrada ir de grão em grão, mas aos saltos no caminho do conhecimento. Não é um mal insuperavel da instrução programada pois esta pode ser aperfeiçoada de tal modo que os estudantes de maior capacidade criadora passam a ser também os mais produtivos nêsse sistema. Mas que será dos outros alunos?

Q.I. e criatividade

Estamos ainda no começo dêsses estudos, mas já se pode afirmar que as crianças de baixa capacidade criadora não gostam das tarefas frustrantes e abertas, ao contrário das criativas. Pelo uso dos novos materiais curriculares, como o PSSC de física, o SMSG de matemática e semelhantes, há uma reviravolta em muitas classes,

emergindo como grandes realizadores estudantes antes tidos como inferiores. Explica-se isto, por usarem êsses materiais o tipo de ensino pela descoberta em lugar do ensino pela autoridade. Mais ainda: os recursos para o ensino criativo despertam enorme entusiasmo entre alunos que geralmente não estudavam e eram tidos como isolados e rebeldes.

A relação entre Q.I. e criatividade ainda continua a ser investigada e dará muito que discutir. É certo que um alto Q.I. se associa à alta criatividade (com exceções) e que alunos medíocres ou de baixo Q.I. não são geralmente criadores, mas nem sempre os altos em Q.I. são altos em criatividade.

Não é possível citar aqui os autores em que baseamos estas afirmações. Contentamo-nos em enviar os interessados aos vários livros de Paul Torrance e seu grupo na Universidade de Minnesota. Indiscutível e alta a qualidade das pesquisas dessa equipe.

Democracia

O problema mais sério que nos apresentam tais fatos é êste: o empenho em descobrir os espíritos criativos, alterando-se para servi-los até mesmo os clássicos processos educacionais terá razão numa democracia? Esta pergunta tem sido muitas vêzes feita e no fundo se confunde com aquela outra, que em tempos idos se fês, a respeito de educação igual para todos, sem concessão especial ao mérito.

Hoje parece difícil aceitar outra política que não seja a de defender a educação para todos, sem prejuízo dos métodos que permitam a seleção dos melhores dentre os melhores, para que a minoria, que no fundo é quem efetivamente governa, por eleição da maioria, seja o que a nação deseja: o que haja de melhor e mais puro na comunidade. Quando falamos em governar, aqui pensamos mais no exercício das funções permanentes de administração do que nos vaivéns da política partidária. Pensamos na burocracia, nos planejadores, nos conselheiros, nas universidades, e assim por diante.

Educar para criatividade

Há muitos meios de educar para a criatividade, esforço que começa pelo estímulo dado à fantasia na criança, e depois leva em conta a preocupação de unir o passado ao futuro, de reexaminar idéias, de rever soluções de considerar e aprender pontos de vista opostos para tentativas de conciliação, de imaginar implicações etc.

A onda da criatividade fêz nascerem, porém, muitas incompreenções, entre pessoas que, talvez por falta de criatividade ou de alguns de seus fatôres essenciais, entendem que tudo aquilo que o ensino criativo preconiza há de ser feito com prejuizo do ensino formal. Nada disso. E para dissipar dúvidas, nada melhor do que resumir os postulados de Torrance, que pode hoje ser encarado como a principal figura do mundo da cri-

atividade aplicada à educação: 1- Aprender de maneiras criativas, juntamente com o ensino pela autoridade; 2 - Testes de criatividade juntamente com testes de inteligência; 3- Pensamento e imaginação criadores tanto quanto aquisição de conhecimento acumulado; 4- Respostas originais tanto quanto respostas corretas; 5- Escritos criativos e imaginosos assim como correção da forma, da gramática e da pronúncia; 6- Confiança nas próprias percepções, idéias e juízos ao lado de aceitação das idéias alheias; 7- Coragem e honestidade morais, assim como ajustamento social; 8- Divergência em relação ao óbvio, ao lugar comum e ao que já se acha verificado, assim como conformidade; 9- Ambiente responsivo, ao mesmo tempo que estimulante; 10-Comportamento criativo e desorganização temporária, ao lado de disciplina e ordem.

Temperar tudo isto não é tarefa qualquer. É como ter um macaco em casa de louças sem quebrar a louçaria. Mas as tarefas mais difíceis são as melhores. O que não se pode é deixar que se perca por entre os dedos da indiferente mão de nossos políticos e administradores, assim como de nossa imensa burocracia do ensino, o que de mais precioso possuímos; a inteligência de nosso povo e em particular, tôda as qualidades que se conjugam para formar a criatividade.

Dr. José Reis.
Transcrito da Fôlha de São Paulo, de 24-4-1966.

MENSAGEM DA CRIANÇA

Dizes que sou o futuro
Não me desampare no presente
Dizes que sou a esperança da paz
Não me induzas à guerra.
Dizes que sou a promessa do bem.
Não me confies ao mal.
Dizes que sou a luz dos teus olhos
Não me abandones nas trevas.
Não espero somente o teu pão
Dai-me luz e entendimento
Não desejo só a festa dos teus carinhos
Suplico-te amor com que me eduques
Não te peço apenas brinquedos
Peço-te bons exemplos e bôas palavras
Não sou simples ornamento dos teus carinhos
Sou alguem que bate a porta em nome de Deus

Ensine-me o trabalho e a humildade. O devotamento e o perdão
Compadeça-te de mim e oriente-me para que eu seja bom e justo.
Corrija-me enquanto é tempo, ainda que eu sofra. Ajuda-me hoje, para que amanhã eu não te faça chorar.

Colaboração de: Daercy Rezende.

PROBLEMAS DE COMUNICAÇÃO

Cavalheiro Lima

Nossa intenção é abordar apenas alguns itens referentes ao magno problema das comunicações, sem nos preocupar muito com a catalogação didática de todos os conceitos e meios técnicos, como habitualmente se faz nos artigos e nos manuais que abordam êsse assunto. Isto porque êle é muito complexo e desejamos evitar aquela situação, na qual o autor emite erudições... e não pròpriamente comunicação.

Principiemos pois por uma verificação muito fácil de ser comprovada por todos nós: existe uma confusão enorme em tôrno do que seja útil aos cidadãos. Quer dizer, primeiro de tudo devemos verificar se vale a pena comunicar ou, melhor, deve-se comunicar o que fôr propício e bom para a coletividade. Por mais ampla e eficiente que seja a comunicação, só causará dano se não fôr eticamente correta. O mundo moderno embasbaca-se com a eficiência e uma vasta bibliografia ensina o sucesso, as receitas do êxito e da conquista de posição social. A pressão comunitária os hábitos impostos, o estrelismo e a mística do poder trazido pelo dinheiro ou pela fama, são alguns dentre os mitos contemporâneos. E seus sacerdotes e profetas, os comunicadores, os divulgadores. Êstes têrmos, nós os empregamos aqui como sinônimos de editôres, produtores, diretores, escritores e aquêles outros que ocupam um lugar na pirâmide dos faraós e controladores ou formadores de opinião.

Ora, a tecnologia das comunicações de massa e as técnicas de difusão e influência psico-sociais vêm se requintando em ritmo fantástico. Cada componente novo na pigmentação das côres, na transistorização ou emissão e captação de ondas, impressão e reprodução de sinais, falados, gráficos e de todos os tipos, representa nova aceleração e eficiência das comunicações. Na era paleolítica, um desenho de bizonte correndo, só podia ser visto. Sua difusão era estática. O leitor tinha que acercar-se para tomar conhecimento da mensagem. Os sinais com fumaça, os tantans de tambores, gestos e gritos, representaram estágios de evolução.

Basta o leitor usar a imaginação e saltar as diversas escalas dêsses estágios evolutivos para hoje atingir os satélites estacionários, com centenas de canais. O mundo planetiza-se, comprime-se. Mais que encolhimento das distâncias, temos pela frente, no vídeo e nos textos impressos, no cinema, é a instantaniedade, a sobreposição, uma espécie de ubiqüidade de idéias e mensagens, pois é possível expandi-las, difundindo-as simultâneamente, quer no mesmo instante, como por extração de cópias e das tiragens no caso de lançamentos de livros e filmes, ao mesmo tempo em lugarea diferentes; ou tudo junto e no mesmo instante, no caso das telecomunicações.

Portanto, os meios de comunicação de massa, são totais, enquanto instrumentados mecânicamente, ou também como elementos de conviç

ção, quer pela repetição, como pela instilação sutil de idéias, lembrando muito o velho método sub-liminar, tão velho como as entrelinhas de uma fala na Grécia ou um ideograma tibetano.

Mas é preciso um conceito básico de ordem ética para analisar e deslindar os caminhos e descaminhos dêsse labirinto informativo, deformativo e formativo de caracteres e temperamentos, na escala individual e social. Isso porque a divulgação massiva de idéias e produtos, hábitos e atitudes, está atingindo um ponto crítico, no qual se entremostram já, contradições capazes de levarem as autoridades internacionais(ONU e outros organismos) à necessidade de contrôles e padrões prévios. Assim como a liberação da energia pela desintegração do átomo veio a constituir-se em ameaça à Humanidade, estamos todos aos poucos ingressando num período em que a informação e a difusão de idéias poderá atingir um ponto de perigo latente para os terrestres. Vejamos para exemplificar, se dentro de 20 anos (que valem por séculos das épocas anteriores a nossa) os meios de comunicaçãoe as técnicas de aliciamento e convicção atingirem diretamente a psiquê, qual será o resultado se, ao mesmo tempo, não houver contrôle internacional e nacional para manutenção de "equilíbrios vitais"? Se Hitler, um outro Hitler, dispusesse de sistemas de infiltração psíquica, quer por meio de produtos como também de técnicas e meios de difusão evidentemente a Humanidade correria o risco de sujeição e martirológio, a menos que se conformasse com a situação imposta.

A hpótese não é fruto de aplicação empírica sòmente no caso do nazismo. Amanhã, os meios de difusão em poder de alguns serão tão eficientes, que capitalizarão para si os resultados. Resta saber, então, se o uso da comunicação poderá continuar ainda aos níveis convencionados e dentro das normas éticas oriundas de uma fase anterior que poderemos chamar de "atrasadas" dos meios de comunicação, em relação à tecnologia avançada. Imagine-se, portanto o que será do mundo num decênio quando menos se superados os atuais confrontos ideológicos o mundo entrar na abertura de uma nova cultura universal. Dependerá, é isso que desejamos ventilar, dos líderes e dos homens com poder de decisão e convicção, dos técnicos, filósofos e políticos, dos empresários e, dos "futurologistas" e dos educadores - dêles dependerá- que não venham as comunicações e seus instrumentos em todos os niveis, a se constituírem numa "bomba psicosocial universal".

Não lemos, nem ouvimos ainda considerações sôbre a configuração futura dêsses problemas e por isso mal as esboçamos aqui. Mas, não queremos ficar só na formulação do problema. Achamos que o humanismo e a inteligência universal têm o remédio e possuem a chave para solúcionar ou encaminhar a solução do problema: pela educação, através a extensão cultural. Se a Humanidade, nos próximos anos finais do século não receber pão para o corpo e para o espírito (cultura intelectual mínima, de uso social e pessoal), é evidente que os instrumentos das comunicações,

ficarão à mercê de quem os detenha em maior número e potência, como as bombas. A única solução é realmente "individualizar" os sêres humanos, não no sentido anti-coletivo, mas anti- personalitativo. Hoje desenvolve-se a personalidade externa do individuo. É preciso despertar-lhe a conciência de si mesmo, como sêr apto e com direito ao uso dos instrumentos da civilização.

Civilizações inteiras, modernamente, enfrentam crise de personalidade de sua juventude e dos adultos, pois só cuidarão de formar esta. No momento em que defrontam com as questões realmente importantes, suas pequenas personalidades treinadas em cursos de eficiência monetarista ou puramente aplicada-jamais aplicada a si mesmo, profundamente-entram em pane.

Aqui chegamos onde queriamos: precisamos realizar o homen por dentro, pela educação em massa, através do aproveitamento da lapidação técnica, da aceleração tecnológica, de todos os instrumentos disponíveis sim, mas sem esqu[illegible] o principal: o ser individual. Sòmente êsse resistirá às tentati[illegible] domínio externo, sòmente as conciências formadas e desenvolvidas [illegible] visão universal serão capazes de não se deixarem capturar por algema[illegible] armadilhas sub-liminares.

Por aí se vê quanto é preciso ser intensificado o programa de extensão cultural do povo.

- Esporte e Educação

O.M.

O TRABALHO COMUNITÁRIO

Considera-se "trabalho comunitário" tôda atividade organizada, desenvolvida pelos habitantes do lugar ou com a sua participação, tendo por objetivo um bem geral ou específico, de interesse da comunidade tôda ou de interêsse particular de uma parcela da população local. Logo, o trabalho comunitário tanto pode envolver tôda a comunidade, visando um bem coletivo, como pode envolver um grupo de vizinhança, visando um bem mais restrito.

Podem empenhar-se no trabalho comunitário tanto os cidadãos individualmente, como grupos de moradores, associações, instituições privadas e públicas. E tanto melhor se puder envolver a todos...

O trabalho comunitário é sempre a expressão do esfôrço consciente dos cidadãos - pessoalmente ou através de suas instituições locais-preocupadas em dotar sua comunidade das condições que respondam às exigências de um relativo bem-estar e de progresso econômico, social, cultural, espiritual, de todos os habitantes locais.

Através do trabalho comunitário podem ser introduzidas muitas melhorias na comunidade, muitas mudanças na vida local.

Em geral, o trabalho comunitário se desenvolve no sentido de:

-procurar a solução para um ou mais problemas locais
-melhorar êste ou aquêle aspecto da vida da comunidade
-atender a esta ou aquela necessidade sentida pelos habitantes em geral ou por um grupo de moradores
-satisfazer a tal ou qual aspiração local...

Desse trabalho, podem resultar, na prática:

-melhorias materiais para a comunidade ou para certos grupos (por ex. saneamento da área, aberturas de estradas, construção de uma escola, construção de casas populares...)
-mudanças de "atitudes" ou de comportamento social(por ex. de grupos de juventude, de operários, de certas autoridades, de instituições locais...)
-introdução de novas técnicas de trabalho, seja na agricultura ou na industria ou nas atividades domésticas
-melhorias nos padrões de cultura da população (elevação do nível educacional, cívico, artístico, sanitário...)
-elevação do nível econômico, do nível político-administrativo ou mesmo religioso da população local
-medidas que proporcionem mais bem-estar e segurança para a população
-o fortalecimento do govêrno local.

O trabalho comunitário depende de vários fatôres, tais como:

O.M.

-compreensão dos membros da comunidade quanto as suas responsabilidades sociais
-capacidade de iniciativa dos elementos locais (pessoas, grupos e instituições)
-compreensão e estímulo da "opinião pública"
-aceitação e bom desempenho dos encargos decorrentes do trabalho comunitário
-compreensão, apoio e cooperação das autoridades locais
-colaboração efetiva das instituições locais e possibilidades de refôrço externo
-recursos disponíveis e potenciais da comunidade...

O trabalho comunitário inicia-se e desenvolve-se diferentemente em cada comunidade, conforme, por exemplo:

-o grau de "motivação" dos elementos locais
-a qualidade da "liderança" local
-o grau de "espirito comunitário" existente na população
-a natureza e o volume dos problemas e necessidades "sentidos" e dos demais problemas e necessidades
-a maior ou menor "mobilização" dos recursos locais e de recursos externos
-o grau de "participação" dos membros da comunidade (pessoas)
-o grau de "participação" dos membros da comunidade(pessoas, grupos, instituições...)

Embora se reconheça a importância do trabalho comunitário e o que êle possa representar de positivo para a vida da comunidade e para benefício dos seus habitantes, suas possibilidades são limitadas. Há um ponto além do qual o trabalho comunitário não pode ir, uma vez que muitas situações e deficiências locais têm suas raízes fora dos limites da comunidade local ou fora do alcance ou da alçada dos cidadãos, grupos ou instituições locais. A constatação dessa realidade leva os "agentes"do trabalho comunitário local a procurarem dar nova dimensão ao seu trabalho...

O trabalho...

Trabalho comunitário e desenvolvimento da comunidade

É evidente que um trabalho comunitário continuado e bem conduzido pode trazer grandes melhorias para a comunidade e até modificar-lhe, de certa maneira, a "fisionomia" e imprimir na sua população novos modos de ser e agir, com benefício geral.

Porém, as comunidades são mais ou menos como as pessoas. Não se satisfazem muitas vêzes só com o melhorar nisto ou naquilo. Querem "crescer", desenvolver-se afirmar-se, através dos seus valôres próprios, pondo em ação tôdas as suas virtualidades. E, como as pessoas - que precisam dos outros para "enriquecer" e expandir sua personalidade e nesse "processo" também enriquecem a personalidade do "outro" - as comunidades só podem"crescer" e desenvolver-se com e através das comunidades vizinhas...

O. M.

com as quais se relacionam.

Na vida humana há uma permanente "troca" entre os homens. Há um permanente "dar" e "receber", segundo as capacidades e necessidades de cada um. Com as comunidades ocorre mais ou menos o mesmo, naturalmente em planos e circunstâncias diversas.

O trabalho comunitário pode e deve ser "instrumento" para essa "troca" entre comunidades, com vista ao seu desenvolvimento recíproco.

Para tanto, o trabalho comunitário terá de se revestir de dimensões e características especiais. Terá de ser um trabalho comunitário para o desenvolvimento da comunidade...e mais...

Sob essa nova e mais larga perspectiva, a comunidade local passa a ser vista, compreendida e "trabalhada", não apenas em função dos seus problemas atuais, das suas necessidades, de melhorias locais. Visão mais ampla e objetivos mais altos, com maior projeção no tempo e no espaço, passam a orientar e inspirar o trabalho comunitário.

Em primeiro lugar, a comunidade passa a ser considerada em função das suas possibilidades atuais e potenciais de desenvolvimento, pelo aproveitamento total de seus cursos naturais, humanos e institucionais. E também em função de suas vinculações geográficas, econômicas, sociais e culturais com as comunidades visinhas, com a região a que pertence e, talvez, com o país todo.

-o ritmo natural de cada comunidade
-o nível cultural-científico-técnico dos habitantes
-o grau de compreensão e de interêsse dos cidadãos com referência ao trabalho comunitário e ao desenvolvimento local e regional
-o número de membros "ativos" das comunidades (participantes dispostos a um engajamento no trabalho local e regional), disponibilidade de "recursos" em pessoal e material para entrarem em ação
-os recursos potenciais da área e as possibilidades de sua mobilização em tempo oportuno
-a maior ou menor cooperação externa
-a capacidade operacional das instituições públicas e privadas engajadas nos programas locais e regionais.

Mas...quer o "trabalho comunitário", quer o "desenvolvimento" local ou regional - cuja importância tem sido aqui assinalada - têm sua razão de ser no Homem, em função do qual se procura, primordialmente, realizar nas comunidades o Bem Comum.

(Transcrição de "Você e Sua Comunidade", de Aylda Pereira Reis. Edição Especial do Serviço de Intercâmbio, Divisão Técnica, do Departamento Nacional do SESI, Rio de Janeiro 1967)

O. M.

SIGNIFICADO DO COELHO DA PÀSCOA

Coelho, mamífero, roedor do gênero Lepus. Mas, a tradição milenar poderia acrescentar algo mais à definição. Os anglo-saxões, considerando este animalzinho o símbolo da fecundidade e da vida, trouxeram-no para os festejos pascais. também os chineses deram sua parcela de contribuição, introduzindo, às comemorações da data, os ovos que representam a eternidade e a vida perene.

Os anos passaram. As crianças de ontem transformaram-se em adultos de hoje. Gerações se sucederam. O homem alcançou a lua, mas não perdeu seu romantismo. Continua um sonhador. E como tal, respeita os símbolos que conseguíram sobreviver nesses atribulados dias modernos. E na alegria da confraternização da Páscoa, há também troca de presentes: ovos e coelhos transformados em guloseimas e embalados em papéis finos e fitas coloridas.

O "Senhor" Coelho

Faz muito tempo. Foi por volta de 1215 que o "Senhor" Coelho passou a simbolizar a Páscoa, juntamente com os ovos. A lenda desse animalzinho, grande apreciador de cenouras, tem sua origem na Alsácia, França, e diz que tais mamíferos põem ovos como se fôssem galinhas. Como boa lenda que é logo se difundiu por todos os países do mundo. Hoje, o coelho é encontrado sob as mais diferentes formas:- chocolate, é claro, para a Páscoa. As crianças acreditam que êsse mamífero roedor distribui cestas e cestas de ovos de chocolate em todos os lares do mundo.

O Significado

Uma coisa é certa. Muita gente sabe que Páscoa tem coelho ovos e chocolate, mas desconhece o significado real dessa festa máxima da Cristandade. Para apresentá-lo, voltemos às origens. O termo vem da palavra "Pask", festa anual dos hebreus, comemorando a libertação do jugo egípcio. Os cristãos, entretanto, dão outro sentido à data que simboliza para eles, a Ressurreição, ou seja a passagem de Cristo para a vida eterna.

A primeira Páscoa foi festejada no século XIII A.C. pelos hebreus que antes de lançar a ultima praga sobre o faraó e o Egito, ordenaram que cada família hebréia tomasse um cordeiro ou cabrito e o sacrificasse no dia 14 do primeiro mês de cada ano. O sangue do animal deveria ser espalhado nas portas e a carne, assada, comida com pães azedos e ervas amargas. Assim os hebreus ficaram livres do cativeiro egipcio.

Para os povos cristãos, a Páscoa nasceu no ano 33 D.C., pouco antes de Jesus ser crucificado, quando Ele celebrou a última ceia com os apóstolos, instituindo, então, o sacramento da comunhão. A partir daí, começou a ser interpretada como uma renovação do sacrifício de Jesus.

Passou a ser encarada como a festa da salvação do mundo. Textos evangélicos esclarecem que esta é a "ocasião do encontro do homem com Cristo, através de sua mensagem central de amor ao proximo".

Páscoa dos Hebreus

A comemoração da Páscoa dos Judeus é feita há mais de 3000 anos. Segundo a biblia, quando o faraó consentiu na partida desse povo, ninguém teve tempo de colocar fermento no pão e, durante tôda a travessia do deserto, todos comeram pão ázimo. O ritual perdura até hoje. O chefe da casa, de volta da Sinagoga, costuma preparar a mesa com três paês superpostos, representando as três divisoẽs do povo Judeu: Cohen, Levi e Israel. Consagra o "seider" (jantar da noite de Páscoa) e o vinho.

O filho mais nôvo deve, então fazer quatro perguntas sôbre o significado da comemoração: -

-Por que, tôdas as noites, podemos comer e nesta noite, comemos apenas o pão ázimo?

-Por que, o ano todo, não molhamos o alimento na água e, esta noite, o fizemos duas vêzes?

-Por que, durante todo o ano, podemos comer quaisquer legumes amargos?

-Por que, durante todo o ano podemos sentar simplesmente e nesta noite, comemos confortàvelmente recostados?

Para todas essas perguntas, os "Kesches" (chefes de família) têm apenas uma resposta:

-Porque fomos um povo escravo mas hoje, somos um povo livre.

Na mesa da Páscoa judaica bebe-se vinho e come-se "zroá", carne assada, símbolo do coelho que antes era imolado; "maíor" e "chazeret", ervas amargas que lembram a amargurada servidão do Egito; "beitsá", ôvo cozido, em sinal de luto, recordando antigo costume de comê-los nas ocasioẽs de grandes alegrias ou tristezas, "Kaupars", aipo ou salsa para lembrar a comida pobre dos escravos; "charosset", pasta de maçãs, nozes, canela, vinho, símbolo da argamassa que os escravos judeus usavam nas construções dos faraós.

A Páscoados hebreus é conhecida como "Pessach" é comemorada pouco antes da festa dos católicos, tem a duração de oito dias e termina com a "festa das luzes".

Colaboração de:
Benedicta Silva

O.M.

APLICAÇÃO NA RECREAÇÃO DOS RECURSOS ÁUDIO-VISUAIS

Sabemos, através de estudos, que a aprendizagem pode ser espontânea ou dirigida.

A aprendizagem espontânea se origina dos sentidos, sendo portanto, puramente sensorial na primeira etapa do processo de aprendizagem.

Portanto, daí se deduz que a visão, a audição, o tato, o olfato, o paladar, são auxiliares de grande importância na aprendizagem, funcionando como estímulos, que quando bem empregados pelo educador se transformam em poderoso veículo de comunicação.

Ficou demonstrado através de estudos de avaliação, o valor desses meios de comunicação. E como vantagem para a aprendizagem diversos fatores podem se apresentar, tais como:

Despertam a atenção.

Desenvolvem o cabedal de experiências.

Enriquecem o vocabulário.

Estimulam a participação do educando.

Tornam a atividade mais econômica.

Grande influência exercem atualmente na aprendizagem os recursos áudio-visuais, que empregados de maneira original e variada, poderão proporcionar estímulos, que além de sentidos, serão também percebidos pelos educandos.

Valiosos no ensino de quasi todas as matérias, os recursos áudio-visuais representam um grande passo para o progresso educacional. O Educador deve, porém observar alguns aspectos interessantes.

1- Deve ter conhecimento do valor psico-pedagógico do uso dos recursos áudio-visuais.

2- Cuidado no uso do material, para ser atingido o objetivo da aprendizagem.

3- Material atualizado para melhor interessar aos alunos.

4- Trabalho de esclarecimento junto a educadores e adminis-

tradores, para que seja aceito o uso dos materiais áudio-visuais.

5- Esclarecimento da opinião pública, para que esta seja também, colaboradora efetiva desse processo.

Conhecemos por materiais áudi-visuais:

flanelógrafo, quadro magnético, quadro negro, mural didático, cartazes, fotografias, álbum seriado, recursos da comunidade, exposições, museus, excurções gravações.

Materiais de projeção:

diapositivos, diafilmes, ilustrações com material transparente e opaco.

No flanelógrafo, um dos recursos mais usados, o educador deve manter-se à direita, ao contar a estória.

No uso do quadro negro, o educador deve fazê-lo da esquerda para a direita, de cima para baixo. Usar letra clara e grande e valer-se de um ponteiro.

O mural didático, também de grande utilidade, serve para apresentar materiais coletados pelos educandos, assim como também, para apresentar aula, centros de interesse, informações em geral.

Para finalizar, diremos que os recursos áudio-visuais despertam o interesse do educando, fazendo com que ele tome parte ativa na atividade.

Transcrição (apostila)

O. M.

EDUCAÇÃO SEXUAL E LIBERDADE

Não devemos permitir que nossa liberdade seja cerceada, quebrada, determinada pelos imperativos biológicos; mas, pelo contrário, que se exerça na sexualidade como em tudo que é um valor. Eis o nó do problema de nosso mundo, no qual, os valores do amor foram praticamente destruídos; confunde-se normalidade com patológicas afirmações de pseudo virilidade: machismo; imagina-se estar no gozo da felicidade, especialmente no mais intenso: o sexual. O homem moderno é dominado por seu sexo; em vez de se tornar um ser viril deixou-se escravizar, e, por isso, é incapaz de amar. Esta é a história de muitos casais que não se amam. Esta é a história dos moços e môças mergulhados no abismo da sexualidade desenfreada. Esta é a história de qualquer adolescente que não consente em se tornar livre, ou seja, em impor-se aos determinismos bio-sexuais.

Chauchard demonstrou, em sua obra fundamental, Biologia e Moral, que o homem nunca pode escapar aos determinismos. Êle tem uma realidade somática, parte de sua essência e que se exprime, existencialmente, através de tudo o que é. O nosso problema não é, portanto, escapar aos determinismos e sim tornar-nos e aos nossos educandos, seres livres, isto é, capazes de "escolherem" sem condicionamentos, os seus determinismos Todo o problema da educação sexual não é nada mais do que isto: um longo esforço a fim de que o adolescente tome e assuma a sua real dimensão humana, ou seja, torne-se um ser livre. Este é seu sentido e fim; isto devemos ser capazes de fomentar nos filhos; e se os pais não forem capazes de fazê-lo, não há nem haverá nenhum outro educador que possa realizar esta tão fundamental tarefa. Ensinar-lhes que o problema do homem é ser livre sob pena de não ser homem. O homem, que não quis ser livre, renunciou á sua humanidade; a liberdade é uma realidade de ordem interior; é algo que vem de dentro para fora. Pelo fato de eu não ter atingido uma dimensão de liberdade, isto é, se eu não fôr pessoalmente um homem livre, não serei um homem. Serei um alienado.

O.M.

Podemos perceber, assim, qual a função da educação sexual. Educar é fazer com que os nossos adolescentes não se alienem, não regridam no processo evolutivo; mas, ao contrário, sejam cada vez mais livres, adquiram liberdade, ou seja, atinjam o domínio de si, expressão essencial da liberdade, pois esta não se adquire na libertinagem.

Perigos a evitar

1-O primeiro, e o mais comum é o silêncio: não se toca no assunto: é a técnica do adiamento. Entretanto, um dia a espôsa diz ao esoôso: "Você precisa falar. Está na hora. Êle me fêz tal pergunta". E o espôo responde: "Não tem importância, êle não sabe o que está dizendo ; deixemos para mais tarde..." Êste silêncio è fatal. O silêncio é criminoso. É um atentado à justiça. Os jovens têm o direito a conhecer os "porquês". Os pais não têm o direito de camuflar a verdade ou ignorá-la usando artifícios de qualquer tipo que sejam.

Hoje em dia não se pode abandonar os jovens à ignorância porque os perigos que os aguardam são demasiadamente grandes. O silêncio sempre é culpado porque êle, quase fatalmente, leva o adolescente a mergulhar na experiência sexual precoce, seja a masturbação sistemática, seja a freqüência aos prostìbulos, o que, sendo profundamente nocivo, gera a imaturidade sexual.

No que diz respeito á môça, o silêncio è ainda mais grave, porque a expõe a experiências desastrosas, que serão a conseqüência da falta de informação, tanto quanto a de formação.

2-Segundo perigo: As soluções fáceis: Alguns pais procuram resolver o problema com histórias poéticas. A realidade sexual não é poética, ela é somática; portanto, exige uma resposta somática. Poesia não tem relação alguma com sexualidade, ela pode ser usada nas instruções fáceis, principalmente, pode-se usar a poesia como um meio de atingir a realidade, como um meio para explicá-la sem perigos e complicações maiores, mas, esta poesia, não pode nunca disfarçar ou falcear a realidade e a verdade. Não mintam. Digam a VERDADE E TÔDA A VERDADE.

3-Terceiro perigo: o extremismo. Certos pais, levados pela pressa ou pela ignorância, julgam que devem dizer, em um só jato, tudo que sabem. Para eles - tentação da simplificação - é tudo ou nada.

O.M.

Não compreendem que a informação deve ser dada de acôrdo com a idade e a maturidade da criança.

Posição de equilíbrio: informar para formar

1 - Informar:

Informar é esclarecer a inteligência do individuo. O menino nasce inteligente, e, naturalmente, manifesta, sempre, uma grande inquietude; faz muitas perguntas: "por que", "como", etc. Estas perguntas precisam ser respondidas; e, precisam ser respondidas pelos pais, a êles, já dissemos, compete o fornecimento das informações desejadas pela criança. Isto é muito importante; os pais devem ter consciência que o seu papel é inalienável, que não podem entregar sua responsabilidade a outrem. A informação é necessária; a ignorância não é nem virtude, nem inocência. Sôbre a ignorância, no melhor dos casos, só pode se apoiar uma virtude cega. E, uma virtude cega dura pouco; a ignorância só provoca desastres. Deve-se portanto, dar aos filhos uma informação que seja a mais completa possível.

Quando informar?

Trata-se sempre de acompanhar a evolução das preocupações da criança, sem antecipações ou sem pressas. O mesmo cuidado que se tem com a saúde da criança, com seu desenvolvimento físico deveriamos empregar, e maior ainda, quando se trata de sua evolução psicológica; principalmente, no que diz respeito à evolução sexual. Então, conhecendo-se o que está se passando no seu interior, pode-se regular a dose de informações que a criança deve receber. Neste ponto, é preciso muito tato e muito cuidado. deve-se parcelar, proporcionalmente ao seu desenvolvimento, a revelação. Não se pode despejar sôbre uma criança todos os conhecimentos de um adulto. Mas, deve-se dizer sòmente a verdade, sem jamais dizer algo que teria de ser denegado no futuro.

A primeira revelação deverá ocorrer quando o filho fôr capaz de guardar segrêdo, isto é, quando fôr capaz de compreender que esta revelação é pessoal, quando fôr capaz de se colocar numa realidade de personalidade percebida, consciente. Lembremo-nos, que assim como quando a criança tem fome biológica, nós a alimentamos para que tenha satisfeita esta sua necessidade biológica; quando ela tem fome de respostas,

O.M.

nós temos o dever de lhes dar alimentos, isto é respostas. Eis, então os quatro estágios clássicos da revelação sexual:

- o primeiro: mais ou menos entre 3 e 5 anos:
- o segundo: dos 5 aos 6 anos:
- o terceiro dos 8 aos 10 anos:
- o quarto: o mais importante, na entrada da puberdade.

A revelação deve ser organizada de uma forma tal que, chegando o momento da puberdade, esteja completa. Tudo tem seu momento exato; êste,pode-se indicar de maneira bastante precisa. Para a menina, o momento é antes de sua primeira menstruação. Ela deve saber tudo, tudo,tudo... Tudo mesmo. Para o menino, a revelação precisa estar completa pelo menos no último semestre, anterior ao curso ginasial.

Uma menina que entra em seu período de menstruação sem saber o que acontecerá, porque acontecerá, qual o significado da transformação sofrida, muito difícilmente poderá, depis, encontrar seu equilíbrio. O rapaz, que ingressa no ginásio sem estar perfeitamente a par de tudo, estará no caminho de experiências sexuais erradas. Nesta matéria, há um princípio que se aplica sempre: é melhor falar um ano antes do que cinco minutos depois. Mas, o que fazer quando a criança ou o adolescente não fala, não interroga? É preciso, antes de mais nada, saber o que está acontecendo com êle. Pode ser que seja por mêdo, por algum receio ou perturbação anterior, ou, pode ser, também, que êle já saiba. Necessário se faz, de qualquer maneira, conhecer o que está acontecendo com êle, qual é o problema que está impedindo o seu desenvolvimento natural. De qualquer forma,o mais importante é formular esta revelação, sempre, na perspectiva do amor, na perspectiva do casamento, na perspectiva da paternidade e da maternidade. Pois, é sòmente nestasperspectivas que a criança e o adolescente devem entender a realidade sexual, enxergando o seu sentido e sentindo a sua beleza.

Como Informar

A informação não pode ser pública; ela exige um alto grau de intimidade e de afeição. Deve-se saber respeitar o caráter pessoal da iniciação. O que não impede que, numa fase ulterior, haja uma infor

mação pública; mas, a condição básica para qualquer informação pública é que tôda a informação sexual já tenha sido recebida num nível pessoal e familiar.

A resposta não pode ser antes da pergunta, isto é, a informação deve ser progressiva, proporcional ao grau de desenvolvimento psicológico. Responder quando há uma pergunta e, quando não há perguntas, esperar. Entretanto, quando não há pergunta, será preciso suscitá-las. Suscitar a pergunta e fornecer a resposta. Ao momento psicológico soma-se o momento afetivo; com prudência e discrição, considerando, particularmente, os antecedentes afetivos, levando em conta o contexto da sensibilidade da criança, para assim, adaptar a revelação a esse momento do desenvolvimento pessoal.

Tôda informação precisa ser autêntica, isto é, verdadeira. O não falar é preferível ao mistificar, ao enganar. O silêncio vale mais que a mentira; esta acabaria por destruir tôda a consideração dos filhos para com os pais.

Enfim, é preciso agir de uma maneira simples e natural. Os adultos precisam superar seus complexos de adultos; um adulto, quanto aos problemas sexuais, é sempre mais ou menos complexado, e, êstes problemas não podem ser transmitidos às crianças. Na criança não existe um problema sexual; o problema sexual é dos adultos. Para elas existe apenas uma questão sexual. Entre questão e problema há uma grande diferença. Daí o contesto moral dos pais é extremamente importante, porque ninguém dá o que não tem. Ninguém transmitirá equilíbrio se não fôr suficientemente equilibrado. E a qualidade moral dos pais que os filhos tomam como exemplo; é da riqueza moral dos pais que os filhos enriquecer-se aõ, é por causa da miséria moral dos pais que os filhos tornar-se-aõ miseraveis. Portanto, desenvolver êste equilíbrio esta serenidade, esta harmonia e esta riqueza interior è o imperativo fundamental para o casal, a fim de que o filho possa receber tudo aquilo que lhe é necessário para realizar a soberana conquista de sua liberdade.

II - Formar:

Até aqui, falamos da informação. Entretanto, informar é apenas a primeira parte da educação. A segunda e a mais importante é a

formação. Hoje o que vale é Formar, ou seja preparar o filho, dar-lhe condições para que êle seja capaz de conquistar e exercer sua liberdade, inclusive no que diz respeito à vida sexual. O jovem precisa ser capaz de integrar em si, através do auto contrôle e da fôrça de vontade, os impulsos que o traumatizam na época da adolescência; e, essa capacidade só será adquirida se o jovem tiver recebido uma formação integral. Os adolescentes precisam saber a razão, o "porquê" de tal ou tal exigência de comportamento humano, nesta fase de despertar sexual. E, acima de tudo, devemos darlhes o sentido do corpo, o sentido da dignidade sexual. Dar-lhes o sentido da mulher, o sentido do homem, o sentido da maternidade, o sentido do amor. Mmostrar-lhes o sexo como um instrumento do amor; o que por isso mesmo não se pode abusar dêle, sob pena de se tornarem incapazes para o verdadeiro amor. O sexo só tem sentido quando exprime AMOR. Nesta formação integral, ainda há um ponto muito importante: é a criação de uma atitude enérgica, visando tornar o jovem um homem com fôrça de vontade. Sua vontade deverá ser temperada desde os 7 ou 8 anos de idade: êle precisará de muita energia interior para vencer a puberdade e chegar ao equilíbrio. A capacidade de resistência, na questão sexual, é muito mais um problema de ordem moral do que de informação. Alem do mais, o jovem precisará, durante a sua vida, enfrentar muitas batalhas; e, se êle não fôr dotado de fôrça de vontade , sucumbirá, ou seja deixará de ser homem. Precisamos, para formar, ensinar aos jovens que êles estão numa fase de conquista, e que só haverá conquistas através de lutas. Vitórias e derrotas fazem parte da mesma realidade, mas, só através desta realidade é que se tornarão homens, verdadeiros homens.

Extraído do livro: Pais e Filhos.

Charbonneau

O.M.

Chegou a nossa vez...

ESTÓRIA-OS 3 URSOS E O COELHO

Numa manhã de sol, uma família de ursos saiu para passear.

O urso grande era o papai, o urso médio a mamãe e o urso pequeno o filhinho. Moravam numa linda casa com 3 janelas, a janela grande, a janela média e a janela pequena. Com 3 portas: a porta grande a porta média e a porta pequena. Acontece que pelas redondezas morava um lindo coelhinho que também gostava de passear pelo bosque. Num dos passeios avistou a casa dos ursos. — Que linda casa; alquém muito importante deve morar por lá.

Quis espiar pela janela grande, mas não alcançava. Pela janela média só suas orelhinhas alcançavam e pela janela pequena pôde avistar 3 mesas. Em cima de cada mesa um prato com cenouras bem fresquinhas, punham-lhe água na boca.

Quis entrar pois estava com fome. Deu a volta e empurrou a porta grande. Esta era grande demais e não conseguiu abri-la. Tentou a porta média! Também era muito pesada e pela porta pequena entrou.

Na mesa grande não alcançou, na média também não, mas na pequena conseguiu alcançar o prato de cenouras e comeu várias cenourinhas. Satisfeito foi procurar uma caminha para descansar.

Chegou até o quarto dos ursos. Lá estavam 3 camas: a grande, a média e a pequena.

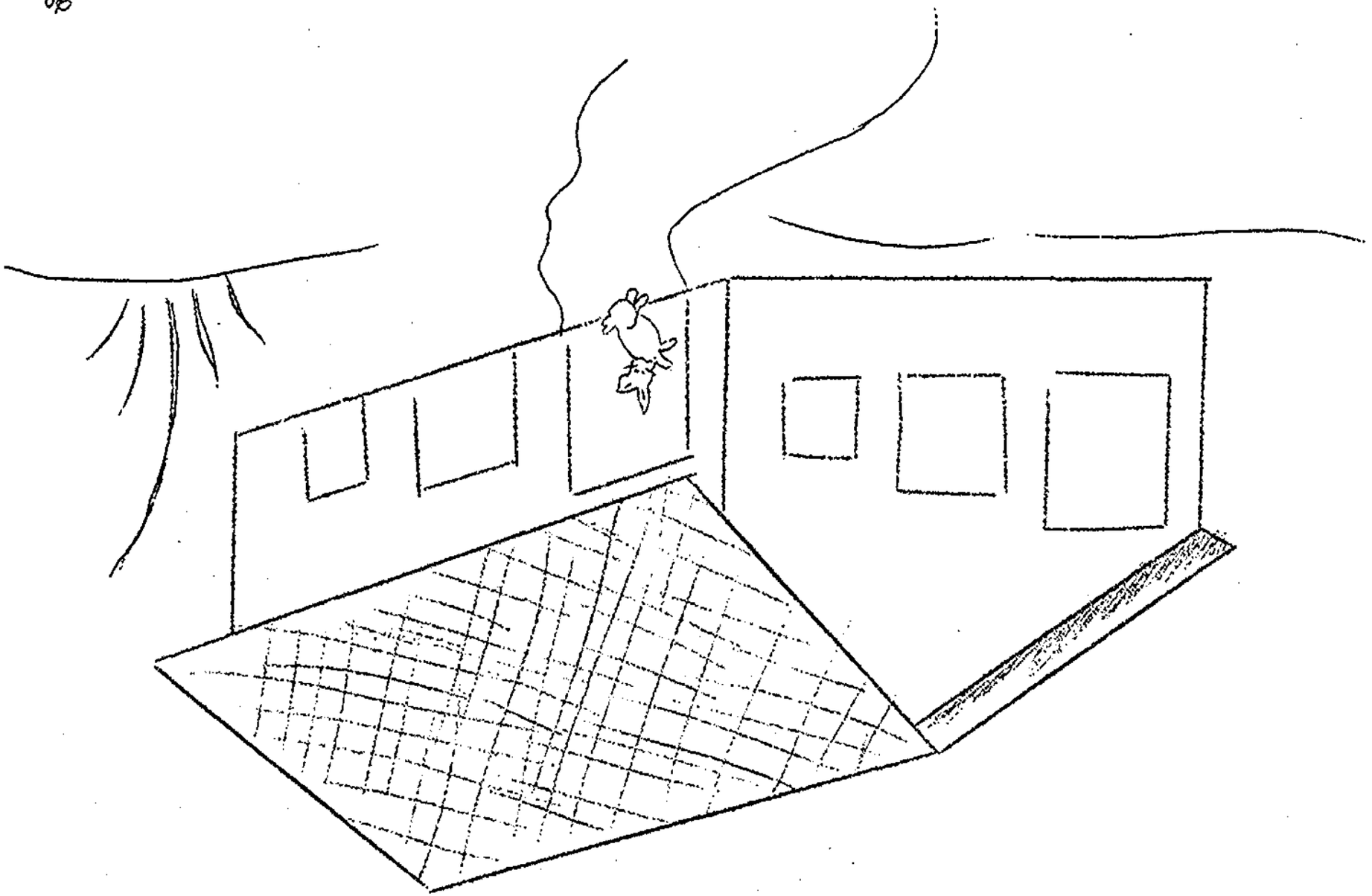
Na cama grande não se ageitou, na média também não e na pequena dormiu tranquilamente.

Mais tarde chegaram os ursos.

Ficaram asustados por ver tanta desordem mas...qual não foi a surpresa!!! um lindo coelhinho dormia tranquilo na cama do ursinho

Os bichinhos tornaram-se amigos, e bem juntinhos saiam para passear.

Ed. Gláucia de Barros E. Coppio



coelho
incertado

93.

Os coelhinhos estão escondidinhos.

– Vamos procurá-los?

Quando você encontra passe um traço em volta.

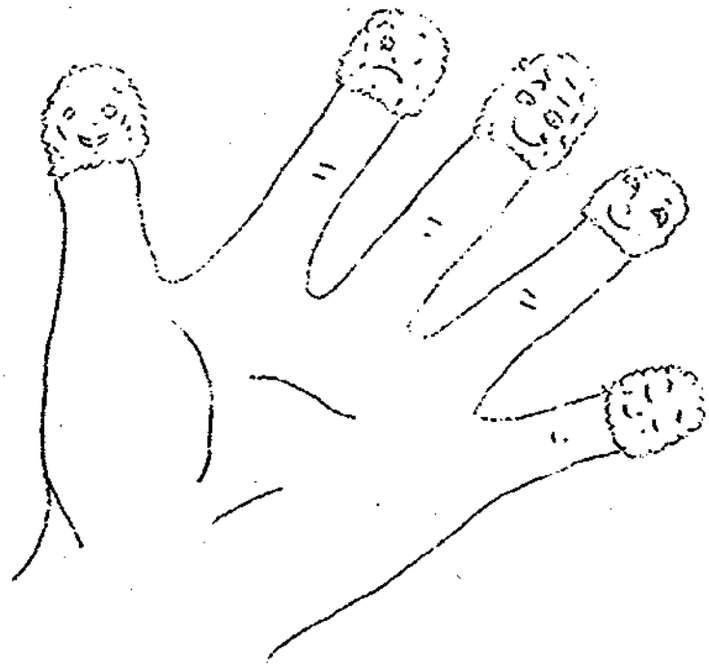
Fantoches feitos com casca de amendoim.

Desenvolvimento da criatividade e da expressão oral.

— Vamos brincar com os dedinhos?

Coloque em cada um, uma casquinha de amendoim quebrada pelo meio. Desenhe nesses dedais umas carinhas engraçadas.

Agora, converse com os seus dedinhos criando uma estória.



AGORA VOCÊ TAMBÉM PODE TER SUA

"FICHA DE IDENTIFICAÇÃO"

Tenho

Anos

Olhos

Sou do comprimento dêste fio:

Meus cabelos são:

Minha impressão digital:

Minha primeira assinatura:

- -

Minha educadora do pré - primário é (foi)

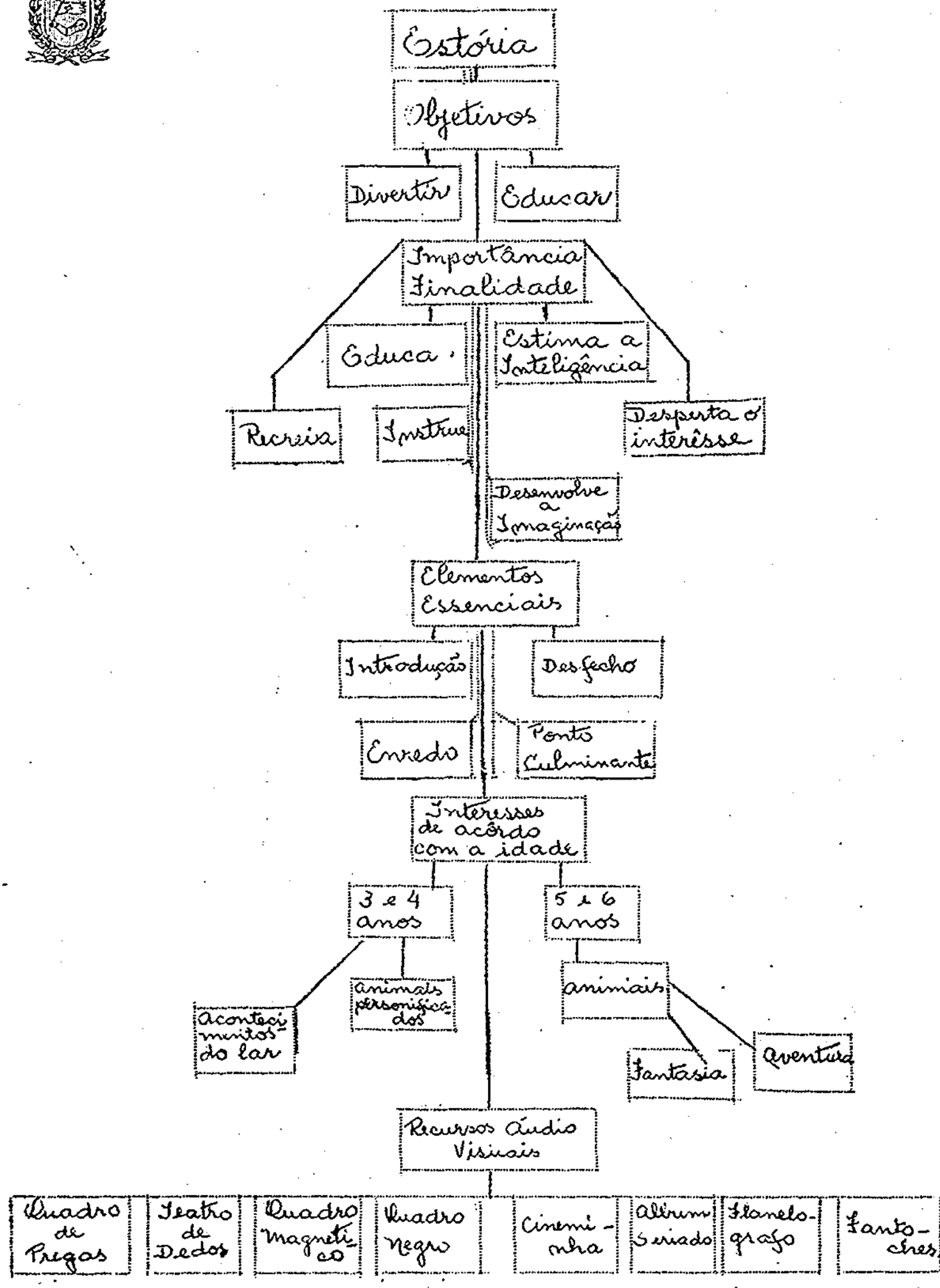
Fiz meu pré no Parque Infantil...
197

Obs.: Trabalho da criança

Cole na ficha:

1 - [illegible] é representada por palitos de fósforos (3 4 ou 5 anos)
2 - [illegible] os olhos (verde, castanho, azul ou preto)
3 - O tamanho do pequeno é demonstrado por um fio de barbante.
4 - Um feixe de cabelo amarradinho.
5 - Assinatura da criança no final do pré.
6 - Parque Infantil..... 197

Colaboração do P.I.-1



M. 64/72 do Expediente de Ed. 101.

23.